



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Galato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

29 de Agosto de 2009 • Ano LXVI • N.º 1708
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Quero pão!

AS mesas, familiares, onde se partilham as refeições, são espaços privilegiados de educação dos filhos e filhas, quando estas comunidades vitais estão em comunhão.

Alguns Rapazes nossos vão enveredar, brevemente, na formação em confecção de alimentos e serviço de mesa. Aliás, em nossa Casa, são chamados, desde cedo, a iniciarem-se nestas obrigações; e vários vão tomando o gosto.

Quando os próprios filhos ajudam a preparar os pratos que são servidos, valorizam-se sobremaneira; mas, exigem acompanhamento, de perto. De manhãzinha, é despertado o cafezeiro, que vai rodando, para aprontar, com a senhora da Casa, o primeiro almoço. E lá vem uma diabrura: o Joaquim desviou um pacote de leite. Nas outras refeições, o Madi e o Natanael têm ajudado. São garotos a quem é necessário ensinar as doses certas de açúcar e cacau, de azeite e sal. Como se descascam bem as batatas e se arranjam os legumes, para, depois, ficarem nas grandes panelas, a ferver. Nós desejamos que eles conheçam o nosso bom Deus também no quotidiano, nas coisas simples da vida. A infância é esse grande território de onde todos saímos.

A nossa Obra não quer reproduzir as misérias; mas, promover alguns Pobres, de família e do essencial para a vida, ao lugar a que têm direito. Mesmo que os haja sempre, no mundo.

Muitas crianças, do hemisfério norte, são atraídas para os ecrãs, até nas horas das refeições. Por outro lado, ficam entregues, também, aos seus caprichos, de boca, nas cantinas escolares, evitando sopa, peixe e saladas. Deixando que isto aconteça e sem regras, de comportamento, crescem desumanizadas.

Nas mesas centrais da nossa sala de jantar, sentam-se os *Bata-tinhas*, sujeitos de tantos mimos, que é preciso orientar. Com os mais pequenos diante dos nossos olhos e com eles uns nos outros, vai-se fazendo união. E, às vezes, discussão. Ora vejam: todos apresentam, no ar e ao mesmo tempo, as tigelas da sopa e os pratos do conduto. Parece que quem pede mais alto, vence. Mas, não. Tem de ser por ordem e com modos; e é gradual este caminho.

Há tempos, fomos acolher o Rocha, na área de Lisboa. Seu pai, que o trouxe para o nosso País, também necessitava de tratamento. O pequenito, de 4 anos, só falava crioulo. Porém, entre nós, tem feito progressos na nossa língua. Depois de abençoarmos a mesa, repetidamente, avança logo: *Quero pão!*... Nós acrescentamos: *por favor*. Contudo, ficámos a cismar, se não seria: *Quero pão, a que tenho direito*. De facto, no mundo, uma criança morre de subnutrição em cada seis segundos.

Para o nosso sustento, é exigida a participação de todos, na vida comunitária. Os mais novos, regressados da praia, cuidaram de apanhar as pontas do milho; e, nesta altura, vão fazendo *maranhos*, com as folhas sobranças.

A nossa Obra não sobrevive de participações e subsídios. Como é preciso esgravatar muito para alimentar a nossa Casa, também somos *mendicantes*. Porém, os nossos filhos não pedem esmolas, nas ruas. *Sempre que for necessário, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente*, no dizer firme de Pai Américo. É o que temos feito, quando é possível, por necessidade imperiosa.

Como tem acontecido, há mais de setenta anos, no terceiro Domingo de Agosto, na Figueira da Foz, a Palavra que fez estremecer tantos Amigos, com o bom Prior, Padre Veríssimo, à frente, foi todinha tirada do *discurso do Pão da Vida* e embelezada até com peripécias da nossa vida.

Dos que recebemos, neste ano, desta vez, andaram nesta faina: Divino, João, Betinho, Luís, Arménio, Feliciano. Mais, o Diogo e o Rui. Foram afagados com tanto carinho, que ninguém nos perdoa, se estes filhos, também vossos, não voltarem, depois da Senhora de Agosto, para os abraçarem, mais crescidos?! □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

RAPAZ que cresceu connosco e se fez homem, ele que hoje acompanha os seus próprios filhos no seu crescimento e a fazerem-se gente adulta, contou um episódio da sua vida, nesse mesmo âmbito da educação dos seus filhos.

Estando a família em dia de passeio, resolveu um dos seus rapazes, em pleno espaço público, ter uma birra semelhante à daqueles simpáticos animais que em dadas alturas não querem andar nem para trás nem para a frente, com a diferença de que o pequeno se manifestava com muita irritação e grande choradeira.

Deu-se o caso de, naquele momento, passarem junto deles duas senhoras que vendo todo o alarido,

de imediato tomaram a defesa do pequeno birrento, repreendendo os pais por acharem que o estavam a castigar, e com a ameaça de uma queixa à segurança social.

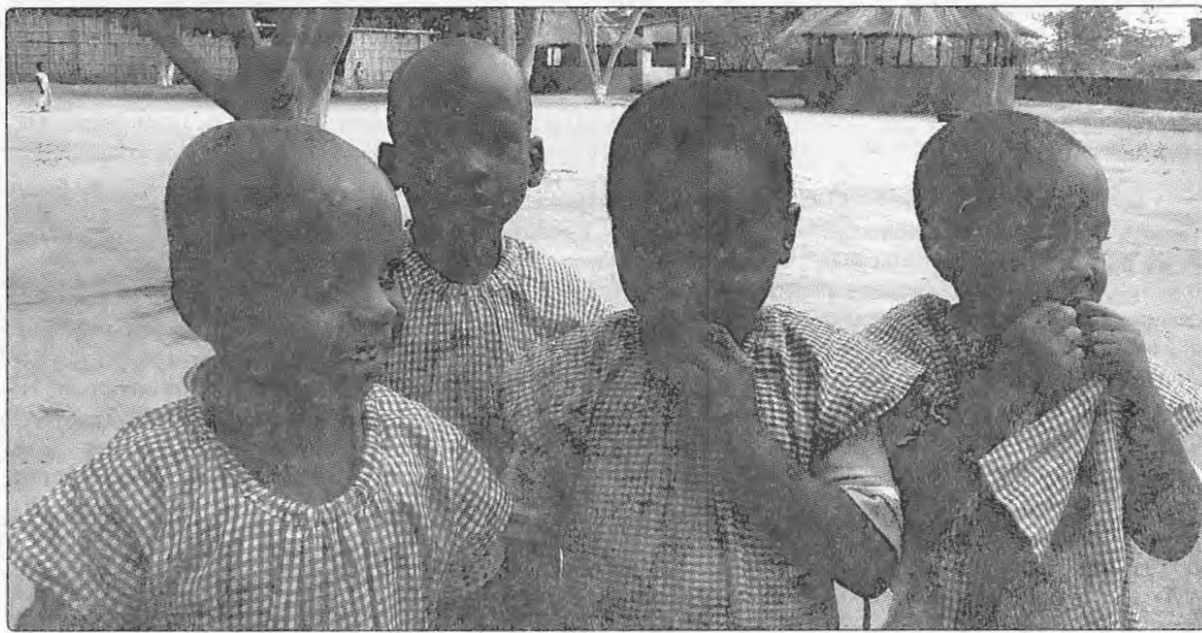
Os pais bem procuraram fazer-lhes perceber o que se estava realmente a passar, mas não deixou de ser uma situação muito embaraçosa, aquela que tiveram de enfrentar.

É certo que este caso se passou em país estrangeiro, para muita gente numa sociedade avançada na consciencialização dos seus cidadãos na defesa dos direitos dos mais pequenos. Pode ser que até haja essa maior sensibilidade, mas talvez esteja coxa por esquecer os direitos da família em educar os seus próprios filhos, sem

que isso implique colisão entre os direitos de todos.

O que parece mais lamentável é o caso da invocação da autoridade para resolver o falso conflito, ali, a segurança social, visto que seria mais humano agir de modo subsidiário, ajudando a família a reencontrar a paz para, nesse espírito, continuar o seu passeio.

Já agora, ponhamos a mão na consciência e vejamos se não estaremos nós também, em algumas situações, a proceder como aquelas senhoras, atirando a resolução de problemas de famílias e de crianças para instâncias maiores e superiores, quando poderiam ser resolvidos com a dedicação e o empenho de quem lhes está mais próximo. □



MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Doença da inveja

DEVERIA guardar para mais tarde o que vou dizer, por uma simples razão de ética, que se adoptou quando se fala em doentes de sida. Passam-se tantos casos, cada um com o seu quê de diferente que, às vezes, apetece associar de imediato a doença às pessoas, para que os vivos abram os olhos enquanto é tempo.

Há a segregação familiar, quando sabem da doença. Há a hospitalar, quando vai à consulta. A social, ao perder o contacto de vizinhos e amigos.

Há, enfim, uma pessoa em risco ou até não, de morrer, que fica abandonada e discriminada pelo mundo que a cerca.

Para além dos sofrimentos morais, uma vez declarada a sida, os remédios antiretrovirais que ministram no Hospital aumentam a vontade e necessidade de comer. A habitual farinha de milho de todos os dias não chega. O doente emagrece. A primeira reacção é recorrer aos curandeiros. Se tem o hábito de beber e não consegue desligar-se, se não há um acompanhamento psicológico cuidadoso e alguém a levar-lhe por caridade, como fazemos com alguns, galinha, fruta, sumos naturais que enriqueçam ao máximo as necessidades alimentares, como emagrece.

Há dias visitei um, exactamen-

te com pele e ossos. A falta de movimentos, a perda do andar e das forças, precipita dolorosamente o fim. É este o currículo doloroso dos nossos doentes, pelas Aldeias, quando não há mais que a tradicional farinha, com algumas ervas para fazer o caril e as pessoas temendo o pior escondem os sintomas e não fazem o teste. É um trabalho precioso o das nossas Activistas.

Ora aconteceu que tínhamos uma reserva alimentar que sobejava na Creche da Massaca, onde as crianças, além da farinha, comem arroz, feijão, amendoim, carne de galinha e peixe, numa dieta variada. Como não se gastava a farinha toda, era guardada para reforçar o alimento desses doentes e dos muitos idosos de quem cuidamos também. Alguém

Continua na página 3

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Depois do interregno de algumas quinzenas, voltamos com esta secção da "Partilha", relativa ao que recebemos principalmente em Junho e Julho. Começamos por dar a devida satisfação a dois leitores preocupados por falta de notícia relativamente à recepção dos seus donativos. Para a Odete, da Parede, os nossos agradecimentos pelas duas encomendas que enviou, uma em Fevereiro e outra um pouco mais tarde. Para o assinante 31166, de Gueifães, a confirmação agradecida da recepção dos dois cheques de 50€, o de Março e o de Junho. De Avintes chegou um vale de 12€ de um "anónimo" e mais 10€ do assinante 79482. Do assinante 5615, de Arrifana, recebemos 200€, parte de um donativo maior distribuído pelas Casas do Gaiato e pelo Património dos Pobres, tirado de pensões "modestas", em acção de graças pela recuperação da saúde da esposa. Que Deus conserve a saúde aos dois para continuarem a fazer o Bem. Da Maria Leonilde, um donativo de 300€, com um "Bem Haja" que retribuimos. Um Muito Obrigado ao assinante 59467, de Ponte de Sor, de quem chegaram 150€ e à assinante 48383, de S. João de Ver, que quem recebemos 25€. Da Maria de Lurdes, de Moscavide, foi encaminhado para a nossa Conferência um cheque de 250€, enviado como sendo "um pouco" do seu "pouco". Bem haja por este "pouco" que não é "pouco" nem no valor, nem na intenção. Do Delfim, de Bucelas, recebemos "uma pequena importância" e mais a notícia sobre o seu blog com "extractos de leituras religiosas realizadas nos últimos dez anos" cujo endereço aqui divulgamos para que possa merecer a devida atenção por parte dos nossos leitores: <http://stopcomdeus.blogspot.com>. Da assinante 42971, de Ovar, chegaram 20€ para os pobres "mais envergonhados", com a nota de que "não precisamos de agradecer". Não precisamos, mas devemos agradecer. Na agência do Millennium BCP de S. Mamede alguém continua a fazer depósitos generosos para a nossa Conferência. Chegou-nos notícia de mais um de 200€, em Junho, que agradecemos. Da Lurdes, do Cacém, também se mantém a sua generosa regularidade, com os "habituais pósinhos para os mais pequeninos". Do assinante 57002, chegou-nos "uma pequena migalha" de 100€, modestamente anunciada como sendo "bem pouco para tanta necessidade, mas dada com muito carinho", carinho esse que retribuimos. Para terminar, um bem haja à assinante 60788, do Porto, pelo seu cheque de 150€, dado "dentro das suas possibilidades", que aqui fica como exemplo de "partilha de férias" que deveria ser seguido por muitos, nesta altura do ano propícia a alguns gastos exagerados. Para todos os leitores que aqui referimos e para os que, involuntariamente nos ajudaram e que possamos ter omitido, um Muito Obrigado dito com as palavras da 2.ª Carta aos Coríntios do Apóstolo S. Paulo que o Delfim, de Bucelas, escolheu para iniciar o simpático cartão que nos enviou: "Deus ama a quem dá com alegria".

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia». E todos nós queremos misericórdia. Infelizmente nem todos procedemos de modo a merecê-la; todos a desejamos receber, mas poucos a querem praticar. Quem deseja alcançar misericórdia no Céu, deve praticá-la neste mundo. Efectivamente é através da misericórdia praticada na terra que se chega à misericórdia do Céu. O mesmo Deus que se digna recompensar no Céu, quer receber na terra.

Portanto, não desprezemos a misericórdia para com os nossos Pobres. Só graças à misericórdia de queridos Amigos, hoje, a nossa Conferência existe, mas cada vez precisamos de mais para os socorrer.

Vou dar notícia daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho:

A MÃE DOS SETE FILHOS — Anda cada vez mais aflita para sustentar os seus filhos. Todos passaram de ano com notas boas. Só o mais velho, que anda no 12.º ano, não passou em Matemática; ficou muito triste, e vai este ano tentar fazer um curso e a Matemática. Ele é um rapaz muito equilibrado. Aliás, todos os filhos são maravilhosos, ela nisso não se preocupa. A preocupação dela é como os alimentar, porque são idades de crescimento.

A MÃE DOS QUATRO FILHOS E DUAS NETAS — Os filhos que andam na Escola, todos passaram de ano. Mas, infelizmente, continua a ser uma família muito desequilibrada. Ela é amiga dos filhos e das netas, mas a cabecinha é que não ajuda e, graças a Deus, que nos vai ouvindo, porque se não ainda seria pior para as crianças.

A MÃE DAS GÉMEAS — Ficaram de lhe arranjar um curso em Setembro. As meninas estão muito bonitas, mas bem precisam de arranjar outra casa, porque esta é muito pequenina para tanta gente. Nós, todos os meses damos géneros alimentícios, leite, papas, fraldas, porque dinheiro não se pode dar e assim sabemos que as crianças ficam alimentadas. Eu reconheço que ainda precisam de mais, mas neste momento não é possível.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, de Lisboa, manda seiscentos euros e palavras que nos ajudam a continuarmos o nosso caminho. Uma anónima, vinte euros. D. Teresa, do Porto, duzentos euros, e muito obrigado pelo carinho. Senhor Tiago, de Lisboa, cinquenta euros, muito obrigado. D. Nair, do Porto, cinquenta euros, agradecemos. D. Odete, de Paredes, muito obrigado pela encomenda que nos enviou. D. Isabel, Gavião, duzentos euros e palavras de coragem para seguirmos em frente, bem-haja. D. Emília, também muito obrigado.

Em nome daqueles que são ajudados, o nosso bem-haja.

O nosso endereço: *Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.* □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — O Verão tem-se feito sentir muito; pois, o calor aumentou e o ambiente, de tarde, tem estado muito abafado. Surgiram alguns incêndios, na região.

Com o regresso dos Rapazes do primeiro turno, das férias, na Praia de Mira, os dois campos de milho grão estavam à espera, de serem cortadas as pontas das plantas, que cresceram muito. Esta tarefa foi feita a bom ritmo. Foram, depois, postos a secar nos campos, de onde se tiraram as batatas. A seguir, começaram a fazer-se os maranhos.

Houve atrevidos que foram às ameixas, brancas. Continuamos a apANHAR feijão verde.

A moléstia atingiu os nossos coelhos e têm morrido.

A 17 de Agosto, fomos recolher, a pedido da GNR, uma fêmea de

javali, que estava presa, na zona. Depois, aproveitámos para saborear a sua carne.

PISCINA — A nossa piscina tem estado com problemas, de construção. A água, quando se enchia, ia-se sumindo. Verificou-se, ao rebentar uma parede, que havia fugas de água numa tubagem, interior. Foi consertada; e, por isso, foi uma despesa inesperada. Tem sido uma alegria, no final da manhã e à tarde, depois das obrigações e dos trabalhos nos campos, nas banhocas que vamos tomando.

VEÍCULOS — Os nossos veículos têm tido vários problemas, pois já têm bastantes quilómetros. Foram, outra vez, ao mecânico. Fazem-nos falta em especial para as viagens a

Coimbra (Lar do Gaiato, escolas e hospitais) e à Praia de Mira (Colónia de Férias), entre outras. As facturas foram pesadas.

ESCOLA — Os cinco mais pequenos (Victório, Rocha, Divino, Amadú e João) têm continuado a frequentar um Jardim de Infância, na Vila. Os Rapazes do 1.º Ciclo têm aproveitado duas manhãs, por semana, para actividades de Português e Inglês, na nossa Escola.

PROFESSORES — Foram autorizados os destacamentos, para o ano lectivo 2009/2010, dos docentes Paulo Sousa, Francisco Ribeiro e Alberto Bogalho, para exercerem funções na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e no Lar do Gaiato de Coimbra. Bom trabalho! □

SETÚBAL

Danilo Rodrigues

A NOSSA CASA — O trabalho árduo dos rapazes na nossa Quinta tem sido a semente de toda a raiz nos pomares, nos jardins, nos terrenos, no nosso campo, na nossa Casa!...

A poda das árvores requer paciência, concentração e, acima de tudo, dedicação.

Durante o período semanal, alguns rapazes, embora algumas vezes cansados, demonstravam prazer nesse trabalho e faziam-no com precisão.

Eu descia sobre a avenida. Queria ver o trabalho para, depois, poder relatar os factos no nosso jornal. Ouvia, logo ao entrar no pomar, gritos dos rapazes, incessantes à minha presença! Eu perguntava-me: "Mas, querem ver que desde as 9 horas, ainda não fizeram nenhum?!..."

O cenário era claro... Mas, bastante diferente do que eu pensara!... Cerca de dez árvores já podadas!...

Aqueles gritos que ouvira vinham da boca do Cláudio, atirados para os ouvidos do "Bisse". Entre eles, falavam de futebol, música e como, nor-

mal, raparigas. Aquelas coisas deles!... Mas, tinham sempre trabalho para apresentar! "Sr. Padre Acílio, hoje fizemos dez árvores, amanhã acabamos..."

E feito por eles!... Ora, se não fosse a sua dedicação!...

E, quando eu ia escrever para o nosso jornal com o Sr. Padre Acílio, este olhava pela janela do corredor da Casa Mãe e ficava parado. Sentia-se nas suas palavras a força da alegria que transportava no coração!... E o carinho com que deslumbrava os olhos para o nosso pomar?... Só eu sei... Porque senti.

Outro trabalho a que nos dedicámos, foi a rega. O Nuno "Lagarto" liderava o grupo de quem ia atarefado para isso. Dias e dias, os rapazes regavam e faziam as caldeiras para a água não transbordar. Repetidas vezes eles regavam as árvores!... Transportavam de um lado para o outro, uma simples mangueira grossa, procurando as que ainda não tinham sido regadas.

Foi assim durante quase todo o mês de Julho!...

Trabalharam cansados, resmungando mas, no fim, a satisfação era visível como uma luz reluzente ao fundo do túnel, determinando a esperança!...

No dia de partirem para a Arrábida, olhavam para os pomares, jardins, e diziam: "Memo fixe! Olha, olha! Aquela ali já 'tá verde, pá! Nah... Agora a sério!... Nós trabalhámos memo bué, fogo!... Vai lá vai!... Olha... Pronto... Agora para o ano há mais."

E, depois, o silêncio reinou sobre a carrinha enquanto eles olhavam para trás observando o trabalho humilde deixado na nossa Casa... E estavam a sorrir!...

"Olha agora vem aí a vinha, em Setembro, ham?!" E pronto, aquela frase ali no meio dos sorrisos não veio a calhar, não!... Já estavam outra vez todos resmungões!...

Mas, é a nossa vida, são os gaiatos, é a nossa Casa... □

PAÇO DE SOUSA

RUMORES DA VIDA, MEMÓRIAS DO TEMPO — Rumores que atravessaram a minha vida, se perderam na memória, regressaram com a saudade do «Bafo de Mãe», a calma nas situações mais tensas. Alguns desses rumores andam connosco desde menino, acabam perdidos na força de querer crescer, renascem no sorriso incandescente da alma.

Rumores de uma sensibilidade nata: quando os pais esperavam pelos seus filhos à noite, eu esperava pela minha mãe, só me deitava quando ela chegava a casa e muitas vezes esperei por ela à janela; quando chovia ia à procura dela mas quando eu saía a minha mãe deitava-se e adormecia e, de manhã, repreendia-me à sua maneira; rumor da chuva e da trovoadas, os pingos grossos e o troar tenebroso sentido a minha agonia sobre o manto da infância; rumor do sol entrando no meu quarto, gatinhando até um jornal simples e emotivo: «O Gaiato».

Rumor das manhãs antigas da aldeia serena e onde me refugiava, longe de tudo. Rumor de lágrimas no escuro, de bocas construtivas, sílabas verdadeiras, frontais e breves. "Pala-

vas que foram a primeira morada, o primeiro abrigo".

Zé Reis

NÃO É FÁCIL SER CHEFE... RESPONSÁVEL — E para começar, nada melhor do que esta curta intervenção de Pai Américo: «Chefe. Tarefa terrível esta! Só quem por ela passou é que sabe. Sujeito a tudo».

É uma realidade. O rapaz que é eleito ou nomeado para esse cargo, não tem vida fácil, desde que se saiba comportar como tal. É fundamental ter consciência da responsabilidade que assume quando é chamado a ocupar o lugar de irmão mais velho, mesmo que não o seja. É um lugar melindroso, mas tão respeitado no meio dos Rapazes, pelos Rapazes e com a compreensão dos Rapazes.

«O Zé Maria da Covilhã foi o rei. Maioria franca. É o chefe». Mas quando confrontado com o cargo, «... não queria aceitar. Chorava. Soluçava. O meu passado, dizia. Simplesmente admirável! Que lição estupenda às senhoras que querem ser!».

O verdadeiro chefe é aquele que reconhece a sua pequenez; que

extrai força da sua humildade e tem consciência da sua fragilidade. Zés Marias... não há muitos!

O homem é livre — é uma verdade, no entanto, é bom que ele saiba limitar a sua liberdade e aceitar todos os outros como seus irmãos.

«Tudo me é permitido, mas nem tudo eu posso fazer».

O chefe é uma peça importante no seio da nossa comunidade, quando ele serve e não se serve...; quando ele respeita, para ser respeitado; quando ele vê a comunidade toda por igual... e não diferencia uns dos outros.

«Está tudo arrependido de lhe ter dado o voto. Ele que vá gozando que pró ano já não é chefe!».

Quando os rapazes não são tratados todos por igual, é assim: «Ele que vá gozando!» — dizia o famoso «Periquito».

O chefe tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair. O chefe em nossas Casas deve procurar estar sempre presente. Ele tem como missão orientar, encaminhar e não desorientar e desencantar.



MALANJE

Padre Rafael

«Era um de tantos»

«QUANDO o mundo proclama ser alguém especial, único e original, uma voz murmura no meu interior e envia-me a ser um entre tantos. Só então compreendo o valor incalculável de cada um e desses tantos desconhecidos. Só então cada um deles se descobre perante mim como pessoa com um nome e passado, com sonhos e dramas, com aspirações e desenganos... E tudo graças ao não querer ser mais que um de tantos entre tantos.»

A horta está atrasadíssima, pois a sementeira foi feita tarde. Como na semana passada não conseguimos ter uma reunião, o chefe-maioral e o padre da Casa, decidiram organizar uma campanha de apoio às hortas da Carianga. Recomendamos a Oriol o acompanhamento dos Rapazes. Em princípio serão uns 30, em dois turnos, de manhã e de tarde.

Já chegaram as notas e começou a roda com as diferentes clas-

ses para ver como vão os cursos escolares. Começámos com os do primeiro, onde se encontram o Jô e o Lucas a quem pedíramos, pelo menos, assistência. Depois, continuámos pelos outros cursos. Como alguns deles estão muito fracos e outros são aplicados, decidimos fazer pares de apoio. De tal modo que juntámos um que vai muito fraco com outro que vai um pouco melhor, porém ambos da mesma classe. A tarefa do acompanhante é assegurar-se que assiste às aulas, ver que disciplina é mais difícil e acompanhá-lo na hora de estudo, para lhe explicar o que ele não entende. Hoje tocou aos da quarta e quinta classes. A verdade é que está sendo surpreendente, pois muitos deles já se vão elegendo entre eles. E outros, como o caso do Jojo e Andrés, além disso fizeram-se grandes amigos.

Outro caso é o de Isaac, que se comprometeu a ensinar a ler ao Telinho que tem 14 anos. Ninguém sabe como terminará

isto, mas temos de dizer que a pedagogia da Casa do Gaiato dá prioridade à entreada antes de qualquer apoio externo.

Depois de quinze dias, houve reunião de chefes. A verdade é que não deu para muito porque havia casos a resolver e mais, alguns dos chefes estavam a preparar as próximas celebrações de batismos, comunhões e confirmações. Andamos às voltas com o tema dos padrinhos, mas no final decidiram-se que uma vez mais serão os próprios Gaiatos. Pois são eles que, depois, os podem acompanhar no dia-a-dia.

Terminámos a semana indo à Carianga dar banho ao gado. Para isso, montámos uma equipa de dez Rapazes e três pastores. No total de 231 cabeças, sem contar com as vacas leiteiras que estão em Casa. Necessitámos de três horas, mas passaram pela água todos os machos, fêmeas, vitelos e, quase, alguns dos nossos Rapazes. Ao fim da tarde juntamo-nos para celebrar a Missa e dar entrada ao Domingo que nos anuncia uma semana marcada pela festa de Padre Américo e a partida, para Espanha, do Oriol e da Bet. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Continuação da página 1

que trabalha ali dentro, não sabemos quem, fez uma denúncia de que estávamos a desviar alimentos e foi ao conhecimento do Programa Mundial de Alimentação. Veio com o seu staff e as Estruturas locais proceder a averiguações, como se fôssemos uns tristes sabotadores das coisas do Povo, como acontece com muita frequência em todas as áreas do Estado, onde circula dinheiro e outros meios.

Houve reuniões de roubar tempo a quem, para descansar, nem chega e ficou tudo esclarecido, para tris-

teza de quem pensava descobrir louros para o seu desempenho de secretária.

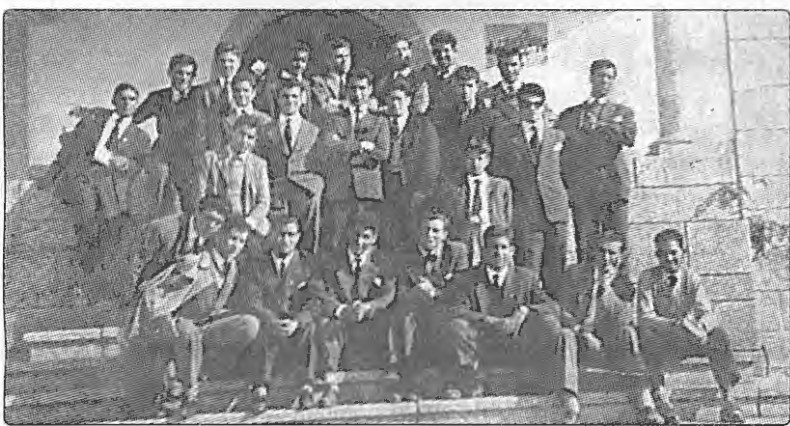
Foi com muito sacrifício que aceitámos a incumbência da distribuição, que muitos prejuízos causou. Era necessário correr distâncias sem estrada, acompanhados sempre por alguém do PMA, que verificava as entregas, todos os meses. Os relatórios escritos de cada localidade, beneficiários e quantidades tinham de ser preenchidos por nós e entregues rapidamente. Houve que montar um escritório com computador e respectiva impressora no Centro

Padre Américo Vilar. O camião andava o dia inteiro e, por vezes, era preciso deslocar mecânico para resolver problemas. Tínhamos uma carga tão exagerada, que aproveitámos momento tão oportuno para alijar. Que não, porque não havia quem o fizesse como nós.

Em conclusão. Mesmo entre os Pobres, testemunhos da nossa disponibilidade para com eles, lavra a inveja. Uma das doenças ocultas de quem faz pouco ou nada e que os nossos Rapazes, agora empregados, têm de enfrentar também, a ponto de alguns renunciarem ao emprego. □

CORRESPONDÊNCIA DE FAMÍLIA

Manuel Lopes



«Remexendo o meu baú, encontrei esta foto muito interessante dos nossos rapazes, a qual deve ter cerca de 50 anos, e deve ter sido tirada em alguma festa, pois estão todos de fato. Nela aparecem muitos de nós e ainda alguns que se encontram aí.

Tudo bem por aqui com a Mariana e a Manuela, e a minha filha Astrid que está na Noruega, tudo bem com ela também. Vou escrever mais tarde, mas para mandar a foto achei mais prático pela internet.

Uma saudação para todos e a sua bênção para quem fez em Março 70 anos!»

Os nossos chefes devem deliberar... — sempre de acordo e em conjunto com o pai de família — quando para isso, lhes for reconhecida consciência e coerência. Não podem e não devem deixar-se levar pelos seus mais chegados. Todos têm que ser acarinhados da mesma maneira, para que todos tenham alegria e brio no seu chefe. Eu sou a favor dos chefes, se eles souberem dar o exemplo. Uma Casa do Gaiato sem chefes — responsáveis — é uma Casa sem alegria, sem vida e toda ela um pouco confusa.

Tal como naquele tempo, e porque os tempos de hoje, apesar de serem diferentes, serão sempre aquilo que

nós quisermos que eles sejam, sobretudo em nossas Casas, para que o espírito e os princípios da nossa Família, não sejam beliscados por aqueles que nunca souberam educar.

Este pequenino apontamento de Pai Américo, não deixa dúvidas: «Custa-me muito dizer, mas a verdade é que os nossos chefes de mesa têm abusado e continuam a abusar do seu posto de responsabilidade, na questão de servir os seus súbditos e a si mesmos. É por si que eles começam, em regra, e aqui está o primeiro erro; deviam ser os últimos. Tiram para si o maior quinhão; o «Periquito» foi hoje apanhado

com um tremendo naco de presunto escondido debaixo dos feijões, e este é outro erro. Servem melhor os compadres, — mais erros. A gente bem diz como é: — Olha que os chefes servem todos por igual e são os derradeiros a servirem-se! Mas quê; são palavras muito duras. Àquela hora e naquele lugar, o instinto toma a palavra e alto com ele!».

Os chefes são encantadores e admirados, quando servem os outros com humildade, com dignidade e com respeito. A todos os chefes das nossas Casas, desejo a melhor sorte do mundo.

Alberto («Resende»)

Recados da Administração

Para melhor funcionamento dos nossos serviços administrativos, informamos os Leitores d'O GAIATO que os seus donativos ou pagamento de assinaturas devem ser dirigidos às seguintes Casas do Gaiato, com prejuízo de não ficarem em ordem os nossos ficheiros:

Casa do Gaiato do Porto

Mosteiro
4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt

Casa do Gaiato de Beire

4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

Bujos
3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt

Casa do Gaiato de Setúbal

Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

Mais se pede a todos quantos desejem RECIBO para dedução de IRS ou de IRC nos indiquem o respectivo NIF (Número de Identificação Fiscal), sem o qual o respectivo documento não terá validade para efeitos fiscais, que obrigatoriamente temos de enviar às Finanças no final de cada ano.

Muito gratos pela V. atenção.

A administração d'O GAIATO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS
E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

EVENTOS — A Associação organizou no passado dia 16 de Agosto a «Festa do Emigrante» com a intenção de conviver com os nossos antigos gaiatos que estão emigrados por esse mundo fora. A Festa começou logo de manhã com uma «peladinha» com os mais novos, para desenferujar as pernas, seguida de um mergulho na nossa bela piscina. Ao meio-dia seguiu-se a Missa concelebrada pelos nossos Padre Júlio e Padre Carlos. Para o almoço, cada família trouxe o seu farnel complementado com um churrasco e a Associação dispôs das bebidas e do café. O convívio foi abrihantado com a música da «Tocata da Associação» que já está razoavelmente afinada. A tarde passou depressa, mas ainda houve tempo para mais um mergulho na piscina, para refrescar os mais novos e os menos novos também. Para finalizar e aconchegar os estômagos para a viagem, foi servido um belo caldo verde pelo cozinheiro de serviço, o nosso Adriano e seus ajudantes. Agradecemos ao nosso Padre Júlio, o apoio à logística e para que nada nos faltasse.

VINDIMAS — Para lembrar velhos tempos, vamos organizar um sábado de vindima na Casa do Gaiato, juntando-nos aos vindimadores.

Se quiseres participar, faz chegar a tua confirmação à Associação ou pelos tels. 917414417-912163569.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Registámos já o sócio n.º 250, a sempre nossa «Tia Jeca», precedida de vinte e dois «velhos» gaiatos aquando dos últimos encontros.

Sejam todos bem-vindos, pois a Associação será o que todos juntos fizermos por ela. Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado das quotas.

Todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contactar-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417, pois pensamos que a quota mensal de 50 cêntimos é acessível a todos.

DONATIVOS — Registámos os seguintes donativos: *Fispor-Serviços de Engenharia, Lda.*, de Gaia, 450 euros. *Joaquim Coelho da Silva, Lda.*, 100 euros, Júlio Duarte, de Paço de Sousa, 50 euros. E vários dos nossos Rapazes manifestaram a sua generosidade em acréscimo ao valor das quotas e na antecipação dos pagamentos delas.

«Candeia que vai à frente...!» □

BENGUELA

Padre Manuel António

Seja assim com todos e cada um

QUE hei-de fazer? Quero ter vida com sabor a eternidade. Quero ser feliz a partilhar as dores e as esperanças da humanidade que me rodeia. Esta manhã fui muito questionado por esta mensagem. A resposta não pode ser outra: Dar. Sim, o dinamismo do amor não pára em ti. Dá e receberás. O pai veio pedir o dinheiro da propina para o seu filho. A mãe doente precisa do dinheiro para pagar as análises e os remédios. A avó, cansada de muitos anos de trabalho, velhinha, recolhe a sua casa para descansar o resto da sua vida. Receberá o necessário para viver e custear os estudos de seus netos que vivem sem ninguém. É um símbolo da realidade de todos os dias. Estamos a juntar as migalhas que são fruto do nosso trabalho das oficinas e do campo. O Sá Cruz, o grande obreiro da agricultura, está, neste momento, ocupado com a recolha da batata. À medida que os nossos produtos são conhecidos, cresce a procura, com a nota de ajuda que nos queremos dar. Ainda não conseguimos o tractor que é o apoio necessário. Esperamos.

São migalhas de valor muito alto, porque são fruto do nosso trabalho. A fatia grossa, porém, está nas vossas mãos, bem presas ao coração. Quem dera não tenhais medo de perder, quando dais por amor! A alegria dos que recebem contagia-nos de tal modo que não queremos outra missão. Há momentos, alguns dos mais pequeninos vieram mostrar os resultados dalgumas provas da avaliação escolar. Notas altas! Algumas! Que alegria! Onde está a fonte de gozo tamanho? Unicamente no Amor. Vieram do abandono familiar, antes de chegarem ao lar que os acolheu e os fez crescer, ao calor da fogueira da felicidade. Quem dera cada família fosse autêntica fogueira a irradiar o calor humano de que os corações necessitam para se manterem unidos! O contrário traz a separação e a divisão e o abandono.

Mais um trimestre escolar chegou ao fim. A escola ocupa um dos lugares centrais da nossa vida, como tenho dito. Houve, no último tempo, um esforço grande para a recuperação do bem que tinha sido perdido, nos meses passados. O acompanhamento é o segredo do fruto do tra-

balho na educação dos filhos. Tenho esperança em resultados melhores. Nunca semeamos em vão, quando o fazemos por amor.

Assim seja com os filhos da nossa Casa e a multidão de crianças que enchem os nossos olhos, todos os dias.

Algumas dezenas de casas vão ser cobertas com as chapas oferecidas pela Lupral. Os olhos destas famílias muito pobres estão cheios de esperança.

Quem me dera ter tempo para subir e descer os morros, com altos e baixos. As construções que vão receber as chapas estão à espera. São muito provisórias, mas resolvem o problema, por algum tempo. As mães e os filhos não podem esperar até que chegue o material definitivo. Não têm meios financeiros. É um problema sério!

Vivo na esperança da hora em que a família possa ter a sua casa com um mínimo de dignidade. Quem me dera ver toda a comunidade local comprometida! Entretanto, não podemos cruzar os braços enquanto tivermos vida. Seja assim com todos e cada um. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Senhor é chamado clemente e compassivo. Ao nosso Deus, na tacanhez do entender humano, damos muito atributos e Ele, por nos conhecer como somos, também se nos revela com eles! A História da Salvação está cheia de testemunhos!

A clemência é a virtude que modera o rigor da justiça e a compaixão, a dor que nos causa o mal alheio. Duas virtudes irmãs, ambas divinas, e também ao alcance dos Homens: — No doce convite de Jesus: — *Sede perfeitos, como é o vosso Pai do Céu.* Dons que devem adornar o coração do Homem fiel a Deus!

A experiência diz-nos que o melhor caminho para a aquisição destas virtudes é a visita ao pobre, ao doente, ao abandonado. Com eles, o nosso coração quebra.

Em enorme freguesia, diz-se, à boca cheia, que não há pobres. Muitos ministros da Palavra e da Eucaristia! O culto garantido e os pobres ignorados!...

De certeza absoluta, que em todas as comunidades humanas, existe gente a viver com enormes dificuldades materiais, afectivas e espirituais.

Um serviço que traga para o conhecimento da igreja comungante os problemas mais graves das pessoas, é urgente para que a Comunhão com Cristo não se transforme naquilo que não é: **Uma rotinice** longe do mistério, o qual só se desvende e enraíza na vida real e social de que Cristo se faz Pão.

Um grupo Caritas! Não basta que estas pessoas se ocupem somente em distribuir os bens que a Caritas ou a paróquia vão arranjando. Isso, também faria qualquer empresa ou grupo pagão. Mas, que façam deste serviço um caminho espiritual de comunhão com os pobres e, assim... de enriquecimento e fortificação da fé, como os grandes homens e mulheres do Cristianismo antigo e recente!...

Uma família vivia e continua a viver numa casa pobre, na aparência e na realidade. A casa de banho, por

pequena e reduzida ao essencial, não bastava às necessidades da família, pois, um dos filhos, de dezassete anos, por doença intestinal, já usa saco.

Duas senhoras foram visitar esta família e vieram *muito impressionadas: compadecidas e clementes.*

O rapazinho tinha entrado em greve de fome há três dias, por se ver naquela situação e não ter sacos, para mudar. O que recebe da segurança social, não dá nem para um quarto do preço de cada saco.

— *Nós vamos comprar-lhe os sacos!* — Diziam-me elas. O coração degelou-se à vista desta pobreza!

Sim. O grupo terá de exigir a si próprio e, se necessário, à igreja de toda aquela freguesia que se mobilize para estas e outras desgraças escondidas de toda a gente. Mas, como me soube bem sentir a compaixão daquelas senhoras! Estão a crescer na fé. Nunca lá chegariam se visitassem apenas a igreja.

* * *

Regressava ontem de um peditério, no Algarve.

A gente vem todo partido! É o calor, as numerosas homilias, as celebrações, o dormir em ambientes estranhos e quentes, as viagens... Tudo adocicado pela forma como somos acolhidos, pela a atenção à Palavra de Deus por nós pregada, ao dinheiro que trazemos... Mas o cansaço arrasou-me.

Logo de manhã, aparece uma família com os quatro filhos, uma bebé de oito dias e esperaram pacientemente que eu aparecesse.

Vieram todos porque a sua situação económica transformou-se num sufoco!...

— *Se eu lhe dava trabalho* — dizia o homem — *Eu faço tudo o que for necessário. Desde Abril que não pago a renda da casa e já não ganho há meses!*

Olho para as crianças, olho para

a mulher com a recém-nascida nos braços e fico atordoado!

Pedi ao Hélio que lhes arranjassem um avio e, lá vou eu, a casa deles. Não para me compadecer, porque já o estava em demasia, mas para me consolar, vendo melhor as circunstâncias.

A casa é boa, ampla. Dois beliches para os rapazes num quarto com janela, mais dois para as meninas e outro para os pais. Uma boa sala. Cozinha e casa de banho!

Tudo a condizer com a dignidade humana e a exigência de tanta criança, menos a renda! 450,00€ e, a partir de Outubro próximo, 462,00€ mensais.

Mesmo a trabalhar, como é possível viver?!

Quatro crianças e a casa chegam para ocupar a mãe.

Onde é que ele, vai ganhar para tanto?!

Sabemos que o Estado dá os abonos de família e ajuda alguma coisa para a escola dos meninos!... Mas, como era necessário um estudo destas carências e uma resposta em conformidade!

Se o Estado não faz, quem deve fazer?

Comprei-lhes duas latas de leite para a bebé, dois maços de fraldas e dei-lhes 2.750,00€ em cheques endossados à senhoria. Ficaram com a casa assegurada até fins de Setembro. **O dobro do valor que me deram nos peditérios de Lagos!**

Os pobres dão-me força para continuar a pedir e a mostrar a compaixão e a clemência de Deus.

* * *

Nota: Por ter assumido de novo a paternidade da Casa do Gaiato de Setúbal, a direcção do Património dos Pobres mudou.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal
Algeruz
2910-281 Setúbal. □

A Caridade na Verdade

O amor é uma realidade de natureza dialogal, sempre de reciprocidade, nunca de sentido único. «A Caridade é amor recebido e dado». Ou circula e é vida; ou pára em corações que a não recebem e vence a morte.

A Caridade «consiste — revela-nos S. João — em que foi Deus que nos amou primeiro». Ele chama-se Caridade e é a Fonte do amor. Tudo começa n'Ele e é «Graça» incessante o seu fluxo. O risco está, justamente, em não ser recebido. Este é o recado e o alerta que Jesus Cristo trouxe do Pai à Humanidade inteira: «Destinatários do amor de Deus, os homens são constituídos sujeitos de Caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da Graça para difundir a Caridade de Deus e tecer redes de Caridade».

Deus podia realizar isto directamente em cada homem, mas a Delicadeza divina (que é um Mistério a considerar em Deus), o Seu respeito pela liberdade dos homens, fá-lo contar com eles para que «esta dinâmica da Caridade recebida e dada» seja a resposta de cada um a todos, resposta que a Igreja procura e propõe na sua Doutrina Social — «a proclamação da verdade do amor de Cristo na Sociedade e serviço da Caridade na Verdade». Este serviço requer critérios de acção moral e o Papa «lembra dois em particular: a Justiça e o Bem-Comum».

JUSTIÇA — «A Caridade supera-a porque amar é dar, oferecer ao outro o que é 'meu'; mas nunca existe sem a Justiça que induz a dar ao outro o que é 'dele', o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. (...) A Justiça não só não é alheia à Caridade, mas é inseparável dela, é-lhe intrínseca. A Justiça é o primeiro caminho da Caridade, 'medida mínima' dela (na palavra de Paulo VI), parte integrante daquele amor 'por obras e em verdade' a que nos exorta o Apóstolo João. Por um lado, a Caridade exige a Justiça que faz respeitar os legítimos direitos dos indivíduos e dos povos e, conforme a eles, se empenha na construção da 'cidade dos homens'. Por outro lado a Caridade supera a Justiça enquanto a completa com a lógica do dom e do perdão» e imprime nas relações humanas «valores da gratuidade, misericórdia e comunhão que manifestam o amor de Deus».

BEM-COMUM — «É o bem daquele 'nós-todos' formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social.

O Bem-Comum é exigência da Justiça e da Caridade». É uma exigência — agora digo eu — que obriga particularmente os cristãos: aprenderem a apreciar o seu bem próprio, só no contexto do Bem-Comum; e de tal modo que onde este é frágil, se saboreie sempre algo de amargo que estimule ao esforço de o eliminar — esforço para a gratuidade, a misericórdia, a comunhão (de que se falou acima), ainda que pelo preço de renúncias.

Mas relativamente à Sociedade Civil, a encíclica afirma que o cuidado do Bem-Comum «é o caminho institucional — podemos mesmo dizer político — da Caridade (...) fora das mediações institucionais da polis?». E a 'polis' não é apenas a nossa cidade. «Numa sociedade em vias de globalização, o Bem-Comum e o empenho em seu favor não podem deixar de assumir as dimensões de família humana inteira, ou seja, da comunidade dos povos e das nações».

Sim, neste mundo em vias de globalização, «a Caridade na Verdade é um grande desafio para a Igreja (...) Ela não tem soluções técnicas para oferecer, mas tem missão ao serviço da Verdade para cumprir». E os grandes problemas que hoje afectam e preocupam a Humanidade também não têm resposta em soluções técnicas que ninguém sabe. Só a consciência dos homens.

«Só através da Caridade iluminada pela luz da razão e da fé, é possível alcançar objectivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora. A partilha de bens e de recursos da qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurada pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades»

Esta é a Verdade. E «a fidelidade ao homem exige a fidelidade à Verdade, a única que é garantia de liberdade e da possibilidade de um desenvolvimento humano integral».

Que o Espírito de Deus acorde e mobilize as consciências dos homens, de modo que «esta missão ao serviço da Verdade» que a Sua Igreja afirma «irrenunciável», conduza os homens pela Caridade à Justiça, que é o fundamento da Paz.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Pai Américo

Oh! Pelicano, que morres exangue... por amor! É precisamente este amor operoso que produz e vem trazer a casa tudo quanto é necessário ao sustento dos filhos. Esta doutrina é certa. Nós temos de a dar ao mundo, encher as almas de boa vontade. A fome e sede que por aí andam é precisamente destas verdades. □